

Basta ousar



O Brasil merece um novo plano de vôo, sem meias-solas nem remendos

Parece bastante claro que, depois de muita turbulência, o Brasil voltará a crescer durante o próximo par de anos. As condições básicas, os chamados fundamentos macroeconômicos, estão aí. Do lado das contas externas, a tendência é claramente de recuperação, ainda que lenta, das

exportações em comparação com as importações. Afinal, temos uma indústria cuja produtividade cresceu acentuadamente desde a abertura comercial, um câmbio ajustado e uma capacidade ociosa bastante elevada. Em outras palavras, mesmo com taxas de juros elevadas – o que inibiria o investimento novo – dá para aumentar a produção porque há capacidade de sobra.

É bom sempre lembrar que a mesma taxa de juros, ampliada para níveis estratosféricos pela política de compulsórios e pela voragem do sistema financeiro quando chega ao consumidor, deprime o consumo interno e aumenta os excedentes exportáveis de bens transacionáveis com o exterior. Por outro lado, o quadro de demanda pelas nossas exportações, se não é completamente róseo, também está longe de ser catastrófico. Talvez tenhamos um susto aqui e outro ali, mas parece que a recuperação do nível de atividades mundial nos será favorável.

No front das contas públicas, não obstante alguns prováveis percalços de natureza política, há uma boa chance de que consigamos um superávit primário de 3% do PIB para este ano, conforme acordado com o FMI, o que permitiria uma rolagem da dívida pública sem maiores problemas.

Assim, a partir do próximo ano haveria espaço para o crescimento de algo como 3% ou 4%, fortemente liderado pelo setor exportador. Como consequência, no mercado de trabalho é praticamente certa uma substancial redução do desemprego. Também a recuperação do nível

de atividade deve melhorar o quadro das receitas públicas, especialmente em áreas críticas como a Previdência Social, formando um círculo virtuoso.

Maravilha, estamos resolvidos! O Brasil está salvo. Às favas as chamadas reformas estruturais, que só rendem desgaste político no curto prazo e cujos resultados só ocorrerão a longo prazo. Vamos pilotar este cenário de relativa bonança até o “final” do mandato e, pelo menos, deixar de torrar o já combalido café político do governo.

Se estou minimamente certo na minha modesta análise, essa estratégia deve estar reverberando fortemente no Planalto Central. Observe-se que isso nada tem que ver com o desenvolvimentismo alimentado na esbórnia dos gastos públicos. Ao contrário, seria uma pilotagem competente da economia, o que, aliás, faça-

se justiça, vem sendo feito com maestria. Sem muita marola, chegar-se-ia ao final do mandato com uma situação de contas externas razoável, um país em crescimento moderado, com o desemprego em queda, talvez com alguma inflaçozinha para corroer alguns passivos incômodos.

O que à primeira vista parece uma receita certa de sucesso acarreta, entretanto, riscos bastante elevados. Em primeiro lugar, se houver um abalo maior no cenário do comércio mundial, o esquema desaba como um castelo de cartas. Em segundo, os déficits estruturais – dos quais o mais importante é, de longe, o da Previdência – continuam a roer por baixo. No médio prazo, dada a impossibilidade de prosseguir cortando cada vez mais os outros gastos de governo ou de aumentar a carga tributária para compensar o rombo descontrolado das contas previdenciárias, reaparece o déficit primário e fica clara a trajetória inviável da dívida pública, indicando inflação ou calote. Com os mercados antecipando essas perspectivas nada favoráveis, gera-se

uma tendência inexorável de alta da taxa de juros, e o jogo começa outra vez, gerando aquilo que os economistas denominam de política de *stop and go*, mas que eu prefiro denominar como soluções de crescimento.

Finalmente, no campo puramente político, o governo tem uma pauta totalmente defensiva, sem nenhuma bandeira propositiva, totalmente à disposição do tiroteio de um contingente cada vez maior de oportunistas – isso sem contar com a oposição de fato. Afinal, na medida em que teremos eleições para prefeito já no ano que vem, para logo entrarmos na batalha sucessória presidencial, é certo que tanto aliados como opositores aumentem as pressões – e que, mesmo para continuar vivo, o governo venha a ceder alguma coisa.

Há, no entanto, uma segunda alternativa, que, na realidade, não exclui a primeira, mas a complementa. Trata-se, nada mais, nada menos, que partir para uma estratégia verdadeiramente agressiva de reformas estruturais, ao mesmo tempo que se pilota responsabilmente o dia-a-dia da política macroeconômica. Um novo projeto de Brasil, da Previdência em regime de capitalização à legislação modernizada no mercado de trabalho, da reformulação do sistema financeiro à política de segurança pública. Sem meias-solas, sem remendos; literalmente, um novo plano de vôo para o Brasil na virada do milênio, que, inclusive, oriente a pilotagem de curto prazo.

É claro que os desafios e riscos desse tipo de posição são muitos e graves, mas as recompensas são tentadoras. A idéia de que o governo não tem cacife para tanto me parece uma tolice. Afinal, estamos no começo de mandato e não dá para ter clima de final de festa. Garantida a manutenção dos fundamentos macroeconômicos no curto prazo, o que é fundamental é investir na manutenção deste estado de coisas que possibilite um crescimento sustentável, um Brasil de amanhã melhor que o Brasil de hoje.

Basta ousar.

